

04  
p. 10

# REVISTA ESCOLAR

Orgam da Directoria Geral da Instrucção Publica

ANNO III

SÃO PAULO - 1.º de Junho de 1927

N.º 30

## PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção : Largo do Arouche, 62

Redactor - director : PROF. J. PINTO E SILVA

Redactores - auxiliares : Prof. Antonio Faria e Alduino Estrada

## SUMMARIO :

- A "REVISTA ESCOLA".
- QUESTÕES GERAES: 1 — Medicina e hygiene. 2 — Formação de habitos sa-  
dios na criança.
- LIÇÕES DE COISAS: 1 — A madeira. 2 — O algodão. 3 — Bichos de frutas. 4  
— A flôr.
- EDUCAÇÃO PHYSICA — Jógos escolares: 1 — Quem primeiro chegar. 2 —  
Casinha para alugar. 3 — O gato e o rato. 4 — O chefe de policia. 5  
— Pe'la ao ar. 6 — O veado quer fugir.
- RESENHA PEDAGOGICA: 1 — Centro internacional de educação. 2 — A paz  
pela escola. 3 — A propaganda pedagogica na Polónia.
- LIÇÕES PRATICAS: 1 — Arithmetica. 2 — Educação moral e civica. 3 — Histo-  
ria do Brasil. 4 — Hygiene.
- LITERATURA INFANTIL: 1 — Uma festa escolar. 2 — Era uma vez... 3 —  
Os pampas. 4 — Mauricio. 5 — A virtude e a hypocrisia. 6 — O céu do  
Brasil. 7 — A patria. 8 — A floresta encantada. 9 — Porque o Brasil é  
grande.
- ESCOTISMO.
- MUSICAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — Musa convalescente.
- VULTOS E FACTOS: 1 — Ribeiro de Barros.
- NOS ARRAIAES DO ENSINO: 1 — O movimento dos "tests" no Brasil.
- O "FOLK-LORE" NA ESCOLA: 1 — A onça e a cotia. 2 — O sertanejo.
- NOTICIAS.
- SECRETARIA DO INTERIOR.

S. PAULO — Brasil  
1927

# LIÇÕES PRÁTICAS

## ARITHMETICA

### MEDIDAS ANTIGAS DE COMPRIMENTO

— Já estudámos o metro, seus multiplos e submultiplos. Estou certo de que todos meus alumnos sabem applicar essas medidas. Em todo o caso, diga-me, Antonio, o que é metro?

— Metro é a medida linear ou de comprimento.

— Muito bem! Você, Julio, responda-me: sempre existiu o metro?

— Não, senhor; o professor já nos disse que antigamente se usavam outras medidas de comprimento, que havíamos de estudar.

— Justamente, e é o que vamos fazer agora. Trataremos das principaes medidas de comprimento antigas e da sua relação com o metro.

— São muitas essas medidas, professor?

— Já vae saber, Lucio, pois vae escrevel-as no quadro-negro. Seus collegas irão copiando o que fôr escrito. As medidas antigas de comprimento, cuja lista vou dar, são as medidas brasileiras, com os seus valores correspondentes ás medidas lineares metricas. (Os alumnos escrevem a seguinte lista).

### MEDIDAS BRASILEIRAS

Braça = 2m,2.

Vara = 1m,1.

Covado = 0m,66.

Pé = 0m,33.

Palmo = 0m,22.

Pollegada = 0m,0275.

Linha = 0m,00229.

— Agora, que vocês já conhecem a relação entre essas medidas antigas e o metro, vão resolver uns problemas. Você, Julio, si quizer, por exemplo, saber quantos metros têm 600 braças, o que fará? Pense um pouco e responda.

— Isso é facil, professor: é só multiplicar 600 por 2m,2.

— Muito bem! Mas, porque? Sabe, Joaquim?

— Sei, sim, senhor: si uma braça vale 2m,2, 600 braças valerão 600 vezes mais 2m,2 ou  $600 \times 2m,2$ .

— Bravo! Façamos, pois, a operação, Julio, e vejamos o resultado

—  $600 \times 2,2 = 1.320$ . São 1.320 metros.

— Agora, Amadeu, si eu quizer saber quantas braças são 660 metros, que deverei fazer?

— Deve dividir 660 metros por 2m,2.

— Tambem respondeu muito bem. Mas, vejamos como raciocinou.

— Raciocinei assim: — achar quantas braças contêm 660 metros, é o mesmo que achar quantos 2m,2 estão contidos naquella quantidade. E' saber quantas vezes 660 contêm 2,2; é, emfim, dividir 660 por 2,2.

— Bem respondido, Amadeu! Faça a operação, Julio.

—  $660 \div 2,2 = 300$ . São 300 braças.

— No primeiro caso, José, qual foi a redução que se fez?

— No primeiro caso reduziram-se braças a metros.

— Sim, mas que especies de medidas foram reduzidas no primeiro caso?

— Foram reduzidas medidas antigas a modernas.

— E que operação se praticou, Ernesto?

— Praticou-se uma multiplicação.

— E no segundo caso, Luiz, qual foi a redução?

— Foram reduzidos os metros a braças, isto é, medidas modernas a antigas.

— E a operação foi a mesma que a do primeiro caso, Carlos?

— Não, senhor; praticou-se uma divisão.

— Muito bem. Agora, quem é capaz de me dizer como se reduzem medidas antigas de comprimento a metros?

— Eu penso, que sei, professor.

— Então, fale, Alceu.

— Para a redução de medidas antigas de comprimento a metros, multiplica-se o numero dessas medidas pelos centímetros a que essas medidas corresponderem.

— Mas, assim, ficamos sabendo o seu valor só em centímetros, não acha, Roberto?

— Ah!... mas é só reduzir os centímetros a metros e acharemos o numero de metros a que o numero da medida antiga corresponde.

— E como se reduzem centímetros a metros, Raul?

— Dividindo-os por 100, porque cada metro corresponde a 100 centímetros.

— Muito bem. Agora é a vez do Thomaz. Digame como procederia para reduzir metros a medidas antigas de comprimento?

— Eu faria como fez o Amadeu: dividiria o numero dessas medidas pelo numero de centímetros a que ella correspondesse.

— Perfeitamente. Quem póde agora me dar uma regra para este caso, como fez o Alceu?

— Eu posso, professor.

— Póde falar, Rodolfo.

— Para reduzir medidas modernas de comprimento a antigas, divide-se o numero dessas medidas pelo numero de centímetros que tiver a medida antiga.

— Vejo que todos compreenderam bem as reduções de medidas de comprimento antigas a metros e vice-versa.

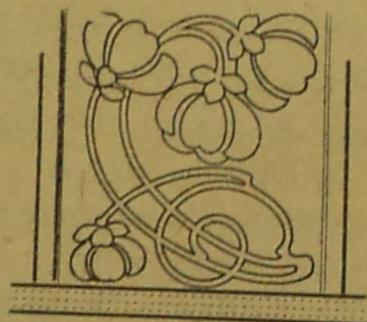
O mesmo que se fez com a braça se fará com a vara, o covado, o palmo etc.

Agora, vamos escrever no quadro-negro alguns problemas, cuja resolução espero seja bem feita por todos.

Vão consultando a lista que lhes dei, enquanto não a sabem de cór, como é preciso.

deirante do azul, rasga hoje o espaço livre do Atlantico, do mesmo modo que os bandeirantes paulistas de ha dois seculos rasgaram o sertão brasileiro.

O sangue da raça continúa eterno como o bronze".



## Nos arraiaes do ensino

### Movimento dos "TESTS" no Brasil

#### A estalonagem da Escola Thorndik-McCall, para leitura mental e como utilizal-a

(CONTINUAÇÃO)

Nos artigos anteriores discutimos os *tests* para arithmetica e leitura oral. Nesses artigos procurámos elucidar a estalonagem e a utilidade dos mesmos, e aqui seguimos o mesmo plano em geral. Em muitos sentidos, o presente artigo é mais interessante, embora este typo de leitura não seja tão commum e a methodologia da leitura mental esteja apenas no estagio inicial entre nós. Este typo de leitura offerece melhores pontos de psychologia e investigação do que a oral. O escopo deste manuscrito, porém, não permite que entremos em pormenores sobre a psychologia envolvida nesta leitura.

I. — QUE VEM A SÊR ESTA ESCALA THORNDIKE-McCALL, PARA LEITURA MENTAL? — Como nos demais casos, escolhemos esta entre muitas escalas norte-americanas por offerecer certos pontos de diagnose que nos servem aqui. Poderíamos inventar e estalonar uma escala puramente brasileira, mas, como já dissemos, o labor é demais, e queríamos poupar algum esforço. Também é interessante estudar a possibilidade de empregar *tests* em diversos paizes e procurar a correspondencia entre povos, ou melhor, vêr si é viavel fazer tal adaptação. A nossa experiencia servirá como indicação desta possibilidade; e ella tem resultado favoravelmente até aqui.

1. — Esta escala consiste em 10 fórmulas ou modelos, que no inglez são estatisticamente eguaes em valor e dificuldade, e todas seguem o mesmo plano de construcção e apuração. Até aqui temos aperfeiçoado sómente duas fórmulas desta escala, a saber, a primeira e a quinta. Mesmo para a quinta não temos calculado todos os resultados, mas o que possuímos em mão é indicativo e dá resultados bons. Junto com estas fórmulas do exame, a escala tem um livrinho (que tem talvez umas 10 paginas) de direcções sobre a maneira de apresentar o exame, apurar os resultados e interpretar na base das notas, com normas norte-americanas. Ainda não mandámos im-

primir as normas provisórias brasileiras que temos promptas. Esperamos tirar uma edição permanente durante este anno e tel-a ao dispôr dos professores e directores de estabelecimentos escolares. Ha tambem uma folha para registrar os resultados duma classe ou turma, e logar para fazer representação graphica dos resultados obtidos. Esta folha vale especialmente para estimular os professores e alumnos a attingirem o padrão, si estiverem abaixo, ou collocar os alumnos atrazados em dia com a sua leitura mental.

2. — Para melhor descrever a escala, podemos dizer que é um instrumento para medição de compreensão de paragraphos. A idéa central, pois, é determinar a compreensão de cada alumno em termos exactos e em relação com um tempo determinado, com idade chronologica etc. A materia é uma só, e o tempo dado (que são 30 minutos, e é bastante) é um só, de modo que o elemento variante é a compreensão que o alumno tem. Como nos demais *tests*, a materia começa bem facil e termina bem difficil. O primeiro paragrapho é tão facil que quasi não ha criança que esteja no fim do segundo anno escolar que o não entenda. (A norma norte-americana aqui é de 26, ou de 4 pontos acima do possível zéro da escala, que é 22. O mediano que encontrámos aqui, com mais de 100 alumnos, no segundo anno é de 32; fica acima do norte-americano). O ultimo paragrapho é tão difficil que alumnos do sexto anno aqui não foram além de 74 pontos, quando o limite superior da escala é de 89; isto é, falamos da Nota T (que será explicada em baixo). Na America do Norte, o Dr. McCall não encontrou sinão bem poucas pessoas que tiraram "perfeito" nesta escala com o ultimo paragrapho. Na escala toda ha 12 paragraphos que vão por passos de difficuldade regularmente augmentativa. Deste modo podemos determinar até onde um alumno pôde chegar na compreensão, quaes as irregularidades que mostra, quanto fica abaixo do ideal para a sua idade etc. É uma escala admiravel e uma das melhores entre os norte-americanos. Os seus autores são versados na estatistica e psychologia (cp. Dr. Thorndike) e podem formular uma prôva quasi perfeita.

II. — COMO DAR E APURAR ESTA ESCALA. — O livrinho de direcções é tão simples e explicito nas suas explicações, que não tencionamos sinão offerer uma palavra geral aqui, pedindo que os professores se communicem com o autor da escala em portuguez, que lhes fornecerá com amostras de tudo por preço minimo.

1. — O examinador distribue as folhas de exame entre os alumnos, dando a cada um a sua folha, e pedindo que a não abra com antecedencia. Então, manda encher os claros na primeira pagina em cima com os dados que requer: nome, data, idade, cidade etc. É preciso haver muito cuidado com a questão de idade, porque para certa medida que mencionamos, a idade exacta é condição *sine qua non*. Com alumnos pequenos será mistér verificar a idade (data de nascimento etc.) na secretaria ou com os paes.

2. — Depois de preparar os dados na primeira pagina, o examinador lê em voz alta o paragrapho exemplar na primeira pagina, e os alumnos o acompanham nesta leitura, mas elles lêem mentalmente. Elle verifica que os alumnos não trabalham com os labios, nem falam etc., porque é prôva de leitura mental, e mesmo durante o exame pôde tomar nota de quem lê oralmente ou faz qualquer coisa irregular para leitura mental. Então lê a primeira pergunta que versa sobre este paragrapho e pede aos alumnos a resposta correctea. Quando alguém dê a resposta, elle pede que todos escrevam essa resposta. Procede assim com as demais perguntas e respostas. Este é um exercicio de orientação e serve para acalmar a todos. E quando tiverem acabado com esta primeira pagina, elle toma nota do tempo e manda abrir as folhas e começar a leitura e respostas, e continuam sempre até completar, ou chegar ao seu limite. Vale a pena aconselhar a cada alumno a passar uma revista no que fez, si terminar o exame antes do tempo findar. Usualmente, dizemos no começo que o exame leva 30 minutos, porque o tempo desta vez é tão grande que não perturba a ninguém. Durante esta meia hora o examinador só fiscaliza para que ninguém olhe para o papel de outrem; e tambem toma nota de movimentos labiaes etc.

3. — Na apuração, o examinador, ou quem apurar, segue uma chave de respostas correctas ou aceitaveis, embóra permittamos alguma variação no sentido de aceitar uma resposta sensata e boa que talvez não conste na lista. Mas devemos tornar o *test* bem objectivo, de modo que quem seguir um tanto rigorosamente a lista de respostas na chave, está em melhor logar do que um que começa a pensar assim: "Coitadinho! elle quiz responder direito e vou dar isto como correcto". Já descobrimos erros na apuração de professoras que auxiliaram, justamente porque eram bondosas em demasia. A primeira coisa, pois, é corrigir todas as respostas, dando um signal de mais (+) na margem quando uma resposta é aceitavel; e signal de menos (—) quando não serve. Então, o professor conta ou somma as respostas correctas e escreve esta nota na margem da primeira pagina, em cima, assim: "Respostas correctas, 4".

Podémos estalonar estas respostas e seguir normas para respostas correctas, mas não foi assim que fizeram na America do Norte, e afim de comparar os resultados aqui com os de lá, fizemos uma conversão destas em Nota T, utilizando uma tabella que consta no livrinho de direcções. A razão de assim fazer é que as Notas T são recalculadas e representam divisões mais firmes e uma escala de notas que offerce distincções mais finas. Assim, si o alumno tiver 0 de respostas correctas, recebe a nota de 0 na escala de Nota T, mas que já começa com o numero 22. E estas Notas T vão regularmente determinadas até o limite — 89. Esta corresponde a uma compreensão perfeita, ou sejam 35 respostas correctas.

4. — Já falámos acima da Nota T, mas queremos explical-a um pouco mais. Tem este nome porque o Dr. McCall quiz honrar o collega, o Dr. Thorndike (cujo nome começa com T) por sêr grande figura no desenvolvimento dos *tests*. Representa uma conversão de notas crúas em tabellas e divisões estatisticamente determinadas. Ha outros eschemas para notas de conversão, como sejam Nota B etc. Usualmente, as nórmas vão publicadas em termos destas notas recalculadas ou eschemas estatísticos e offerecem melhor base para interpretação e classificação de alumnos.

5. — Até aqui falámos de duas notas possiveis. Mas é possível cuidar tambem da idade chronologica, como falámos no artigo sobre a Leitura Oral. E' por isso que frizámos bem a necessidade de obter a data de nascimento. Acontece que escolas vão. anno após anno, sem verificar a data de nascimento, mas não ha razão para isto. Calculamos a idade aqui em termos de mezes, como tambem no caso do *Test*, de Binet. Escrevemos, pois, a idade de cada alumno em cima da primeira pagina, assim: "Ed. chron., 124", e fica subentendido que são 124 mezes. Deste modo podemos logo determinar si um alumno apresenta atrazo na sua idade, e em passos finos, ou adeantamento, ou si está acima da nórma. Explicaremos as nórmas etc., em baixo. E' possível, então, calcular notas e padrões em termos de mezes de idade.

6. — Agora, com esta idade em mezes podemos calcular o "quociente de leitura". Podemos vêr numa tabella no livrinho de direcções uma idade de leitura que foi calculada conforme a idade quando a criança deve entrar na escola (realmente entrar no "Jardim da Infancia"). Si o alumno progredir na habilidade de lêr mentalmente com regularidade, ha uma "idade de leitura" que vae acompanhando a sua idade chronologica, isto é, si considerarmos que o alumno é normal mentalmente, e a escala foi feita para tal. Podemos dividir a "idade de leitura" pela idade chronologica e o resultado é o "quociente de leitura". Naturalmente, este será 1,00, ou 0,89 etc., ou 1,23, e assim por deante. Costumamos desprezar a virgula decimal e escrever o quociente como inteiro. Por exemplo, temos o alumno A. Alves, com 134 mezes de idade chronologica, Nota T, são 46, e corresponde a uma "idade de leitura" de 138 mezes, e, logo, o "quociente de leitura" é 103 (literalmente 1,03).

Até aqui apresentámos diversas possibilidades para notas e nórmas. Podemos empregar "respostas correctas", "Nota T", "idade chronologica", "idade de leitura", ou "quociente de leitura". Costumamos desprezar a primeira (respostas correctas) e calcular e registrar devidamente as demais. Temos nórmas e interpretações provisórias para todas estas.

III. — AS NÓRMAS E COMO INTERPRETAR AS NOTAS. — Passemos a explicar bem estes pontos. Convém, antes de mais nada, dizer que as nórmas que apresentamos se baseam nos seguintes gru-

pos de alumnos: 2.º Anno, 163; 3.º Anno, 143; 4.º Anno, 125; 5.º Anno, 32; 6.º Anno, 57. Em outros annos e grupos, si sugerimos nórmas serão na base de uma aproximação.

1. — Temos as seguintes nórmas para Nota T. (Sempre uma nota ou nórma aproximada vae com signal °.) 1.º Anno, °23; 2.º Anno, 32,5; 3.º Anno, 35; 4.º Anno, 39,25; 5.º Anno, 47; 6.º Anno, 53,4; 7.º Anno, °57; 8.º Anno, °61; e assim por deante. Convém notar bem aqui que estas nórmas valem para o fim do primeiro mez do anno lectivo, porque foram determinadas neste periodo. Podemos, pois, fazer como no caso do "Paragraphos de Gray Estalonados para Leitura Oral", isto é, empregar esta fórmula para determinar no fim do anno quaes os alumnos que merecem promoção, ou classificar os novos alumnos que entram talvez de outra escola.

Visto que este eschema acima, embora o que actualmente se acha entre nós, mostra uma certa irregularidade, que talvez haveria de se desfazer com maior numero de alumnos e tudo feito com ordem — visto que enfrentamos esta situação, offerecemos um eschema de nórmas mais regulares e ideaes. E neste plano sugerimos a divisão ou classificação dos alumnos na base destas nórmas. Podemos assim formar turmas de atrazados e adeantados para cada anno escolar. Para tal classificação naturalmente um alumno precisa sêr estudado com cuidado; mas qualquer alumno que tiver nota bem acima da nórma de certa turma e anno, ou mesmo na zona de segurança para esse anno deve ficar classificado neste logar. Offerecemos a tabella.

1.º Anno B (atrazado) 22°; e A (adeantado) 24; 2.º Anno B, 26, e A, 32; 3.º Anno B, 34, e A, 35; 4.º Anno B, 37,5, e A, 40; 5.º Anno B, 43,4 e A, 47; 6.º Anno B, 50, e A, 53; 7.º Anno B, 56, e A, 59; 8.º Anno B, 60,5, e A, 61; 9.º Anno B, 63, e A, 65; 10.º Anno B, 67, e A, 69; 11.º Anno B, 70, e A, 71; 12.º Anno B, 72, e A, 73; professores°, 75. (Nota-se que os logares que levam o signal °, são aproximações e sugestões, mas não foram medidos)

2. — Procurámos estudar as edades chronologicas e estabelecer nórmas provisórias na base da actualidade, bem como apresentamos nórmas ideaes na base duma entrada na escola que achamos razoavel e um progresso normal. Sempre registrámos as edades em termos de mezes e contámos 15 dias ou mais fornecendo mais um mez. Descobrimos os seguintes dados, que podem servir de nórmas actuaes provisórias. Confessamos que não ficamos satisfeitos com estas nórmas e achamos que não representam bem o paiz. Julgamos que no paiz devemos talvez encontrar nórmas um pouco mais razoaveis e é por isso que sugerimos em baixo as nórmas ideaes para idade chronologica.

Damos estas nórmas actuaes, na base dos grupos citados acima. 2.º Anno, 123; 3.º Anno, 130,1; 4.º Anno, 145,7; 5.º Anno, 162,3; 6.º Anno, 168,5.

Podemos vêr que estas nórmas são muito irregulares e todas torcidas para cima, isto é, para idade demais. Mostram que os alumnos com quem trabalhámos não eram representativos. (Podemos dizer que obtivemos grandes numeros em Cataguazes, Minas, que é uma aldeia com pouca escolaridade, e no Collegio Baptista, Rio, onde recebemos alumnos de fóra e quasi sempre edosos). Offerecemos, pois, um plano quasi ideal. Neste consideramos que os brasileiros tendem a entrar na escola aos 8 annos, e si esta escala foi usada no fim do primeiro mez, logo temos a seguinte tabella:

1.º Anno: B 97, A 102º;	5.º Anno: B 150, A 155;
2.º Anno: B 114, A 119;	6.º Anno: B 162, A 167;
3.º Anno: B 126, A 131;	7.º Anno: B 174, A 179º;
4.º Anno: B 138, A 143;	8.º Anno: B 186, A 191º;

e assim por deante até chegar aos professores que devem attingir este ponto aos 235 mezes em deante. Vemos que damos muito tempo com este esquema, e não offerecemos logar para apressar ou galgar um anno ou uma parte de anno. O plano é muito melhor, porém, do que o actual, porque offerece um progresso regular.

Poderíamos esboçar outro esquema ainda mais ideal em que os alumnos com idade de 72 mezes (7 annos) e a tendencia nos melhores centros é justamente esta, como no Rio, São Paulo, Bello Horizonte, e outros logares. Deste modo, si os alumnos progredirem regularmente, hão de chegar ao logar de professor etc., aos 222 mezes em deante.

3. — As nórmas para "idade de leitura" vão determinadas directamente das tabellas dos Drs. Thorndike e McCall, e talvez prejudiquem os alumnos brasileiros um pouco, visto que os norte-americanos entram mais cedo e tendem a guardar uma marcha mais regular do que os brasileiros. As nórmas simples actuaes são: 2.º Anno, 100; 3.º Anno, 107; 4.º Anno, 119; 5.º Anno, 141; 6.º Anno, 160.

Vê-se que ha muita irregularidade nesta tabella e que tudo está torcido para baixo, ou de modo a prejudicar. Quando comparamos isto com as idades chronologicas, havemos de notar que quasi todos os alumnos têm mais idade chronologica do que de leitura. Ha certas explicações desta situação. Os alumnos entram tarde não desfazem ou tiram este atrazo em geral, e particularmente na leitura mental. O facto é que os brasileiros não cuidam tanto da leitura mental como o assumpto merece. Cada leitor pôde pensar um pouco e traçar um esquema que seja mais ideal, e cada professor pôde melhorar grandemente esta medida por exercicios e estimulos. Mas não queremos falar mais desta medida, porque é complicada.

4. — A nórma para quociente de leitura devia sêr sempre 100 (ou 1,00). Não procurámos calcular outras nórmas para esta medi-

da. Verificámos que esta nota dá uma curva torcida para o lado prejudicial, e foi isto que esperámos quando notámos sêr a idade chronologica tão grande. Observámos, porém, que talvez 20 % dos alumnos mereciam uma promoção extraordinaria na base do quociente de leitura. Estes representaram quocientes acima da nórma e por isso podiam receber promoção fóra do tempo usual e sem prejuizo. Por outro lado, 70 % merecem muito mais ensaio, e destes, talvez metade (50% de 70 %) vá merecer promoção no fim do semestre ou anno lectivo. Os demais devem ficar onde estão, ou mesmo passar para classes especiaes para os atrazados ou fracos.

5. — Como interpretar estes resultados é a pergunta que, sem duvida, está em muitas mentes depois de lêr tudo isto. Bem; passemos a observar ligeiramente a maneira de interpretar.

Em primeiro logar, podemos desde já fixar na mente e na pratica que um alumno não deve receber promoção sobre a idade chronologica. Como temos dito em outros logares, poderíamos promover alumnos na ordem inversa de idade e acertar talvez mais de 50 % dos casos; mas si promovéssemos na ordem directa da idade, haviámos de fazer grande injustiça. Portanto, a idade chronologica, só, não vale para promoção.

E' melhor promover, considerando uma das tres medidas restantes: Nota T, Idade de Leitura, ou Quociente de Leitura. E' mais commum na America do Norte promover na base da Nota T ou Quociente de Leitura. As tabellas para Nota T dão certo, e podemos promover alumnos sempre que sabirem da zona de segurança para cima, isto é, ficarem acima da zona de segurança para a sua classe ou anno. A's vezes encontramos alumnos em um anno que conforme Nota T deveriam estar em outro anno bem adeantado. Por exemplo: podemos medir no terceiro anno e encontrar um alumno que compreende como um do quinto anno. Naturalmente si a sua Nota T fôr tão grande, a sua Idade de Leitura e o Quociente hão de ficar acima, a não sêr que seja uma alumno muito edoso, e neste caso a sua idade pôde prejudicar as duas ultimas medidas.

Estamos promptos a advogar o emprego constante da Nota T como medida segurança, porque está um tanto livre de questões de idade. Visto que as tabellas para conversão das respostas correctas em termos de Nota T foram determinadas mais independentemente de idade, apreciamos bastante esta medida. Sugerimos, pois, que os professores empreguem esta nota, e só indirectamente as demais, a não sêr nos casos onde as demais não soffrem do effeito da grande idade.

Praticamente devemos promover dentre os alumnos acima da zona de segurança, cada vez; guardar os que estão na zona como formando a turma unica daquelle anno; e mandar os que estão abaixo da zona formar uma turma especial, ou devolvê-los á classe donde vieram. Esta é a sugestão para os systemas ou escolas que mantêm uma só turma para cada anno. Um plano ainda melhor é este: promo-

ver extraordinariamente para cima os alumnos que ficaram inteiramente na zona da segunda classe acima, ou os que estiverem na década mais alta de percentagem (90% a 100%). Então, formar uma turma adeantada (A) dos que ficam acima da norma, e uma turma atrasada (B) dos que ficam abaixo da norma. Talvez seja bom nesta ultima turma mandar para traz os que ficam na década mais baixa de percentagem (0 % a 10 %).

Seja qual fôr o plano que seguirmos, devemos estar promptos sempre a promover ou reconsiderar a promoção si descobirmos mais informações. Por ex., pôde haver um alumno que está brincando mas toma a sério a sua collocação na turma dos atrasados e se esforça. Neste caso ha de ganhar uma boa nota no proximo mez quando for submettido á próva e pôde alcançar a turma adeantada. A classificação não é coisa fixa, mas varia com os esforços e capacidade dos alumnos, e os professores e directores devem submeter os alumnos a mais que um *test* por anno. E' por isso que existem 10 fórmulas para esta escala. Temos a fórmula 1 e fórmula 5 já em edição provisoria, e podem sêr empregadas, ao menos no fim de cada semestre. Si se usar o *test* em época differente da que usámos para estolanagem, naturalmente pôde-se interpolar nas tabellas e verificar onde estão os alumnos em relação com a norma.

Mais uma palavra pratica. Não é preciso empregar sempre um *test* estalonado. Os professores podem objectivar os exames e exercicios mais do que actualmente e sobre taes exames estudar e classificar os alumnos. Taes exames objectivos são especialmente uteis para medições nos mezes intermediarios quando não queremos calcular tudo como num *test* padrão. Ha livros que explicam o modo de formular exames objectivos, e o autor destas linhas está prompto a auxiliar quem lhe escrever, pedindo orientação e até gostaria de experimentar com taes exames.

C. A. BAKER.

*Prof. de Psychologia de Educação e Methodologia no Collegio Baptista do Rio de Janeiro.*



## O "FOLK-LORE" NA ESCOLA

### A ONÇA E A COTIA (1)

Uma onça tinha uma roça, mas como esta estivesse toda coberta de cansanção (2) e ella não a pudesse roçar, reuniu diversos animaes e disse:

— Aquelle que me limpar esta roça sem se coçar, ganhará de recompensa um boi.

O macaco foi o primeiro que se offereceu para fazer o trabalho.

Principiou a roça, mas a onça teve de despedil-o logo, porque elle não parava de coçar-se. Veiu o veado, que tambem nada fez. Seguiu-se o bóde que por sua vez tambem desistiu da empreitada. Afinal, appareceu uma cotia. A onça, ao vê-la, disse comsigo:

(1) — Historia registrada nas «Lendas dos nossos indios», por Clemente Brandemburger, do «Instituto historico brasileiro».

(2) — *Cansanção*: — planta urticacea; especie de urtiga.